

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

UM ESTUDO DE CASO: ORIENTAÇÃO SEXUAL EM UM CENTRO DE
EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE JUÍNA-MT

Autor (a): Tatiana Gonzalez Andrade

Orientador (a): Tatiane Ferreira Garcia

JUÍNA/2014

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

UM ESTUDO DE CASO: ORIENTAÇÃO SEXUAL EM UM CENTRO DE
EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE JUÍNA-MT

Autor (a): Tatiana Gonzalez Andrade

Orientador (a): Tatiane Ferreira Garcia

“Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia, do Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena como exigência para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.”

JUÍNA/2014

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Esp. Helena Lopes Bruno

Prof^a. Dr^a. Nádie Christina F. M. Spence

Prof^a. Esp. Tatiane Ferreira Garcia
ORIENTADORA

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia à minha mãe, Maura, que acreditou no meu potencial investindo em mim, ouvindo minhas reclamações, secando minhas lágrimas quando escorriam.

À minha vó querida, Valentina, que já não está entre nós e sim ao lado do papai do céu, mas onde quer que esteja sei que torce pelo meu sucesso...

AGRADECIMENTOS

... à Deus, por estar sempre ao meu lado;

... à minha mãe, que sempre esteve ao meu lado, incentivando meus estudos e acreditando em meus ideais;

... à minha irmã e ao meu maninho, pelo simples fato de estarem ao meu lado;

... aos meus filhos queridos, Marcus Vinícius e Maria Luiza, por terem paciência pelas ausências do colo de mãe;

... ao meu marido Luiz Carlos, pelo carinho, paciência e principalmente pelo seu amor;

... as minhas colegas de sala Ana Claudia, Jéssyca, Silviani, Rayane e em especial ao meu colega Everton, que sempre me estendeu a mão e me levantava nos momentos que pensava em desistir;

... aos meus professores, pela formação maravilhosa que tive;

... à minha orientadora Professora Tatiane Ferreira Garcia, por me fazer acreditar que nada é impossível quando se tem vontade, pelo seu carinho e competência.

EPÍGRAFE

“Ser educador é ser um poeta do amor. Educar é acreditar na vida e ter esperança no futuro. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência. ”

Augusto Cury

RESUMO

Este trabalho busca a reflexão sobre como a sexualidade vem sendo tratada pelos educadores da educação infantil, e se a maneira como agem diante desta problemática está relacionada a sua formação profissional e se há diferenças em relação a manifestação da sexualidade em diferentes contextos sociais. Dessa forma, se faz necessário a reflexão dessa temática que venha a ampliar o papel da escola na educação sexual das crianças na educação infantil, pois é nessa etapa que ocorre a grande descoberta do corpo e da sexualidade pelas crianças. A pesquisa foi desenvolvida em um Centro de Educação Infantil no município de Juína/MT, onde foi aplicado um questionário contendo 07 questões com professores da instituição, com o intuito de saber como eles agem e trabalham a educação sexual com as crianças. No término da pesquisa a campo percebeu-se a grande dificuldade que os educadores têm em trabalhar com a educação sexual e a falta de formação dos mesmos sobre o tema abordado. Com isso pretende-se contribuir com sugestões sobre o assunto para a reflexão e a prática do professor que trabalha com a educação infantil.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação. Criança. Professor.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Criança observando o corpo de um boneco.....	18
FIGURA 02: Criança fazendo observação do corpo do colega	20
FIGURA 03: Orientação sexual na escola	23
FIGURA 04: Como falar sobre sexualidade com os filhos.....	25
FIGURA 05: Professor trabalhando a educação sexual.....	29
FIGURA 06: Fachada do CEI Vasco Papa.....	32
FIGURA 07: Crianças do CEI em interação	35

LISTA DE ABREVIATURAS

MT: Mato Grosso

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

LDB: Lei de Diretrizes e Bases

CEI: Centro de Educação Infantil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL	12
2.1 As fases do desenvolvimento da sexualidade	15
2.2 A necessidade do trabalho sobre a sexualidade na educação infantil	22
2.3 Família e educação sexual	25
2.4 Tabus e preconceitos que permeiam as questões sobre sexualidade.	27
2.5 A falta de preparação dos educadores frente a sexualidade da criança influencia?	27
3 METODOLOGIA	31
3.1 Análise e discussão dos resultados	33
4 ANÁLISES DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES	34
5 CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICE.....	43

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade se apresenta na vida das pessoas de maneira única. Associa-se a idéias e sensações de amor, prazer, afetividade e auto-estima, porém é tratada como um assunto proibido e constrangedor, desenvolvendo-se assim pouca afinidade com a sua própria sexualidade. (MANGOLD, et.al, 2008, p. 04).

O tema sexualidade faz parte do cotidiano das unidades de ensino. Cada vez mais professores se deparam com situações em que a sexualidade de seus alunos está evidente, esse tema foi escolhido em percepção à importância de como abordar a falta de preparação e as dificuldades dos educadores e os reais problemas acerca da sexualidade infantil.

Ao tratar do tema considera-se sexualidade como algo inerente à vida e a saúde e que se expressa no ser humano desde o nascimento até a sua morte, é justamente nesse sentido que esse trabalho vem mostrar a importância em trabalhar a educação sexual com crianças do berçário ao pré II da educação infantil.

Por ter vivenciado no início de minha prática profissional nesse determinado CEI uma situação em que crianças trocaram carícias e beijaram-se na boca, me causou certo constrangimento não sabendo como agir nessa situação. Situação esta que me causou certo constrangimento, sem saber como agir, levantei o questionamento se os educadores da educação infantil, de escolas públicas e privadas, que atuam com crianças desta faixa etária estão realmente preparados para intervir efetivamente diante de situações em que seus alunos apresentem algum comportamento que manifeste a sexualidade. Estas são situações rotineiras no desenvolvimento infantil, porém, é um assunto ainda complexo nas escolas, mas que faz parte do cotidiano da sala de aula e precisa ser encarado pelos educadores.

Esteves (2000) fala que a escola, tem a obrigação de preparar os professores principalmente de educação infantil, para uma melhor postura diante da situação que envolva a sexualidade, assim, esclarece as dúvidas sem causar a erotização precoce.

Buscando compreender melhor como os educadores lidam com a sexualidade infantil, foi realizada uma pesquisa de campo com dez educadoras da educação infantil, mas devido aos tabus que rodeiam esse assunto apenas quatro das educadoras devolveram a pesquisa respondida.

O presente trabalho teve como objetivos compreender como a sexualidade vem sendo tratada pelos docentes de educação infantil na forma de como lidar com a sexualidade da criança e a qualificação dos educadores.

Como problema apresenta - se: O difícil trabalho de falar e ensinar sobre a educação sexual.

O trabalho foi desenvolvido através de pesquisa de campo e bibliográfico através do método de estudo de caso.

Dessa maneira a monografia está dividida da seguinte forma:

Introdução, Considerações gerais sobre a educação sexual, está descrito o referencial teórico onde apresenta a contribuição de teorias de aprendizagem e desenvolvimento humano sobre a sexualidade, o papel do educador e a importância da formação de educadores.

Metodologia, nele ressaltamos os métodos utilizados no desenvolvimento do trabalho.

Análise do questionário aplicado aos professores, estão apresentados os resultados e as discussões a respeito dos dados levantados. Por fim a conclusão do trabalho.

2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL

Podemos considerar que este tema, Sexualidade Humana, emerge no cenário das Ciências Naturais do século XIX, até assumir um caráter proeminente da obra de FREUD (1856-1939).

Segundo Garcia-Roza (1996), “os estudos e interpretações que FREUD, através da Psicanálise, empreendeu, tornaram-se matrizes da natureza da investigação, do conteúdo e das formas de entender e conceituar a Sexualidade. ”

Já o século XX viu crescer a preocupação com a possibilidade metodológica de empreender a análise da Sexualidade, sua natureza institucional, educacional ou política.

Segundo BARROSO & BRUSCHINI (1986, p. 49), a Educação Sexual como tema de pesquisa em educação é muito rara e recente. Somente nos anos 1980 e 1990 é que encontramos obras e referências acadêmicas sobre o tema. A Educação Sexual no Brasil não conta com largo e adequado levantamento de sua *historiografia*.

JANE FELIPE (2001), “continuo pensando que a criança nos desafia porque ela tem uma lógica que é toda sua, porque ela encontra maneiras peculiares e muito originais de se expressar, porque ela é capaz através do brinquedo, do sonho e da fantasia de viver num mundo que é apenas seu. Outro desafio que as crianças nos fazem enfrentar é o de perceber o quanto são diferentes e que esta diferença não deve ser desprezada nem levar-nos a tratá-las como desiguais”.

A sexualidade é algo que se desenvolve com o tempo onde fatores externos podem influenciar individualmente em cada ser humano. Freud (apud BOCK, 2002, p, 229) apresentou em seus trabalhos o desenvolvimento da sexualidade da criança como natural, por surgir desde o seu nascimento, quando iniciou suas buscas sobre o assunto no que dizia respeito à parte da psicologia.

O processo histórico e social pelo qual nossa sociedade passou, a criança começa a ser vista como um ser humano, cheia de desejos e curiosidades nisso ela começa a explorar seu próprio corpo.

A interação ativa da criança com o espaço, com os outros e com os objetos permite-lhe conhecer a realidade e a própria identidade. A criança se

desloca manipula, age. [...] movimento e ação são a base para a formação da personalidade e incidem na forma de assimilar o mundo, representá-lo e participar dele. (BATISTA, 2008, p. 89).

Freud concorda que a criança não estaria pronta para a reprodução, o seu corpo não estaria preparado para gerar outra vida, diz ainda que a luta por continuidade à vida depois do nascimento é apontada em vários momentos de prazer que a própria criança irá descobrir conforme o seu amadurecimento.

Esse é um processo lento, ela precisa aprender outras fases da vida, conforme ela vai crescendo, ela já vai definindo a sua sexualidade. A partir desse momento até a puberdade, ela passa a deixar de lado o que lhe dá prazer em sua relação parental e parte para a busca do prazer fora da família. Freud (apud BOCK, 2002) reafirma que sexualidade surge no indivíduo prematuramente e suas primeiras revelações não é de natureza genital, é a exposição do começo de uma estruturação de desejo, que depois se transformará em necessidade sexual, às essas revelações chama-se sexualidade. A psicanálise entende a força sexual como algo necessário e inerente ao homem, é uma energia responsável pela procriação da civilização.

Hoje, é comum ver e ouvir a todo tempo assunto e cenas de sexo na televisão, como as relações sexuais, homossexuais, as traições, mas não quer dizer que a isso se dá o nome de liberdade sexual é sim algo natural onde a própria sociedade consentiu esse tipo de comportamento, mas sem uma boa orientação de nada adianta a naturalidade dos fatos e sem ela teremos mais pessoas ao mundo sem entendimento, sem noção de como realizar as suas relações com prazer e inteligência. (BOCK, 2002. p. 229).

A sexualidade faz parte do ser humano e está presente desde o seu nascimento. Ela se desenvolve no contato com os pais, no jeito em que cuidam da criança, no modo como brincam com ela, do jeito que se relacionam. Ao longo da vida, nossa sexualidade vai se manifestando de maneiras diferentes.

Quando falamos de sexualidade, a vergonha, a falta de informação e a insegurança permeiam o assunto dificultando o diálogo necessário com as crianças. No entanto, a sexualidade faz parte do desenvolvimento natural da criança e quanto maior a orientação, maior os benefícios de uma formação saudável e educativa.

A família, que deveria ser responsável por essa orientação, não se sente preparada o suficiente para abordar o assunto. Dessa forma os pais repassam para escola mais essa responsabilidade.

As questões relacionadas à sexualidade, ao corpo, ao sexo estão mais acessíveis à população de um modo geral, principalmente pelas imagens e modelos propagados pela mídia.

De acordo com Nunes e Silva (2000) uma curiosidade não satisfeita vira ansiedade e pode gerar um distúrbio de personalidade, assim, é necessário satisfazer as curiosidades, respeitando a criança e certos limites, não os informando nem de mais e nem de menos, tratando a situação de forma clara e objetiva, portanto ao educador preocupado com seus alunos deve submeter-se a uma reeducação sexual, revelando seus valores e buscando novos conhecimentos.

Considerando a família como primeiro passo para a educação sexual, cabe aos professores abordar a sexualidade sem perder de vista que as imagens trazidas pelas crianças e pelos adolescentes que são carregadas de sentidos e percepções individuais e sociais são construídas com base no convívio familiar. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola acerca da Orientação Sexual não tem a possibilidade de substituir o papel da família.

Ao educador e à educadora cabe ajudar a criança a desenvolver uma consciência de sua própria capacidade quando pretende realizar uma determinada tarefa. A criança tem o mundo inteiro para descobrir, perceber, cheirar, apalpar, ouvir, usando o seu corpo. Dessa maneira sempre mostra uma curiosidade por satisfazer. E o corpo é a matriz da sexualidade. (CAMARGO e RIBEIRO, 1999, p.90).

Figueiró (2006), afirma que há necessidade de formação específica para os educadores e principalmente na área da sexualidade.

[...] creio que a temática “sexualidade” pode ser um ponto capital na formação continuada, ou seja, no exercício de busca de crescimento pessoal e profissional do professor. Penso que se a formação continuada for desenvolvida tendo como centro a sexualidade, poderá haver significativo progresso no relacionamento professor-aluno e em todo o processo de ensino e aprendizagem. Ainda, especialmente, poderá haver significativo progresso no trabalho do professor, pois, refletir sobre questões ligadas à sexualidade e à educação sexual contribui sobre a maneira para repensar o papel do professor. (FIGUEIRÓ, 2006, p.93/94).

A partir disso vemos a necessidade em formação extra curricular para o educador onde seria necessário essa disciplina até mesmo na sua graduação para que ele já saia de um universidade com qualificação sabendo lidar com essa problemática.

2.1 As Fases do desenvolvimento da sexualidade

No processo de desenvolvimento psicosssexual, o indivíduo tem, nos primeiros tempos de vida, a função sexual ligada à sobrevivência, e, portanto o prazer é encontrado no próprio corpo. O corpo é erotizado¹, isto é, as excitações sexuais estão localizadas em partes do corpo, e há um desenvolvimento progressivo que levou Freud a postular as fases do desenvolvimento sexual em:

Os principais aspectos destas descobertas são, conforme relata BOCK (1996, p. 46):

A função sexual existe desde o princípio de vida, logo após o nascimento e não só a partir da puberdade como afirmavam as idéias dominantes; ao período da sexualidade é longo e complexo até chegar a sexualidade adulta, onde as funções de reprodução e de obtenção de prazer podem estar associadas, tanto no homem como na mulher. Esta afirmação contrariava as idéias predominantes de que o sexo estava associado, exclusivamente, a reprodução e a libido, nas palavras de Freud, é a energia dos instintos sexuais e só deles.

De acordo com BOCK (1998) são quatro as fases:

- A fase oral (0 a 02 anos) que é a caracterizada pela zona de erotização e a boca e o prazer ainda estão ligados à ingestão de alimentos e à excitação da mucosa dos lábios e da cavidade bucal na qual o objetivo sexual consiste na incorporação do objeto;
- A fase anal (entre 02 a 04 anos aproximadamente) tem como zona de erotização o ânus e o modo de relação do objeto é de ativo e passivo, intimamente ligado ao controle dos esfíncteres (anal e uretral). Este controle é uma nova fonte de prazer;

¹Que foi alvo de erotização: procedimento erotizado. Que está ou foi excitado sexualmente. Segundo ao site Dicionário online de português disponível em <<http://www.dicio.com.br/erotizado/>>. Acesso em Jun, 2014.

- Acontece entre 02 e 05 anos o complexo de Édipo, e é em torno dele que ocorre a estruturação da personalidade do indivíduo. No complexo de Édipo, a mãe é o objeto de desejo do menino e o pai (ou a figura masculina que represente o pai) é o rival que impede seu acesso ao objeto desejado. Ele procura então se assemelhar ao pai para ter a mãe, escolhendo-o como modelo de comportamento, passando a internalizar as regras e as normas sociais representadas e impostas pela autoridade paterna. Posteriormente por medo do pai, desiste da mãe, isto é, a mãe é trocada pela riqueza do mundo social e cultural e o garoto pode, então, participar do mundo social, pois tem suas regras básicas internalizadas através da identificação com o pai. Este processo também ocorre com as meninas, sendo invertidas as figuras de desejo e de identificação;
- Em seguida vem um período de latência, que se prolonga até a puberdade e se caracteriza por uma diminuição das atividades sexuais, como um intervalo.

Antes do trabalho de Freud sobre sexualidade infantil, nenhum livro tratava sobre o tema, e a sexualidade infantil era vista como inexistente ou como algo reprimido pela sua natureza pecaminosa.

Podemos citar também sobre a teoria psicossocial do desenvolvimento humano Erik Erikson, que de acordo com cada fase do desenvolvimento citadas por Freud (oral, anal, fálica, latência...), ele propõe uma concepção de desenvolvimento em oito estágios onde vamos citar apenas três para comparar com as fases de Freud:

- 1º Estágio – Confiança x Desconfiança (0 à 02 anos) nesta fase as crianças são dependentes das pessoas que cuidam dela, onde elas iram aprender ter confiança esta fase está ligada com a relação entre o bebê e a mãe;
- 2º Estágio – Autonomia x Vergonha e dúvida (02 à 03 anos) as crianças passam a controlar suas necessidades fisiológicas e cuidar de sua higiene pessoal, podendo ter mais autonomia e confiança;
- 3º Estágio - Iniciativa x culpa (03 à 06 anos) neste período a criança passa a perceber as diferenças sexuais, os papéis desempenhados por mulheres

e homens na sua cultura (conflito edipiano para Freud) entendendo de forma diferente o mundo que a cerca.

Conforme Colin (1973, p. 16):

O sexo, mesmo na primeira fase da vida, embora em estado mais latente, já existe na criança, tal como a necessidade de comer, de urinar, de defecar, etc. Ocorre, ainda, o fato de que a criança demonstra curiosidade em relação ao próprio corpo e, sem dúvida, em determinados momentos, esta curiosidade se localizará no sexo.

Quando se falavam sobre atividade sexual infantil (ereções, masturbações, etc.), estas atividades eram vistas como casos horripilantes, de depravação precoce, e que aconteciam ocasionalmente como ocorrências excepcionais. Até mesmos nos livros específicos sobre o desenvolvimento das crianças, esse tema era omitido.

Segundo o PCN (2001, p.302)

...é importante que os educadores reconheçam como legítimas e lícitas, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento.

O desenvolvimento da sexualidade humana começa com o contato físico, quando os bebês são segurados e acariciados. Os órgãos dos sentidos têm íntima relação com o centro sexual do cérebro e por isto a sucção ou o contato da pele provocam excitação nas crianças. Isto é necessário e natural que aconteça; não se deve privar o bebê de contatos corporais, o que não prejudicará nem tampouco estimulará inadequadamente a criança. A auto-exploração ou masturbação é outra experiência fundamental para a sexualidade saudável.

Macedo (2003, p. 1) explica que a sexualidade está presente no ser humano desde seu nascimento:

Desde que o mundo é mundo, as crianças não brincam de médico à toa: a aventura do descobrimento começa já nos primeiros meses, quando o bebê experimenta o prazer de explorar o próprio corpo, e se acentua nos anos seguintes, quando sua atenção se volta para o corpo dos pais e de outras crianças.

A criança cedo aprende a brincar e a tirar prazer de seu próprio corpo, e isto faz parte de seu desenvolvimento tanto quanto engatinhar, andar ou falar. A experiência da auto-exploração só trará prejuízos se for punida ou se a criança sentir-se culpada por esta atividade natural. Cabe aos pais ignorar ou manifestar compreender o prazer que ela tira daquela experiência.



Figura 1: Crianças observando o corpo de um boneco.
Fonte: [www.googleimagens/sexualidade infantil](http://www.googleimagens/sexualidade%20infantil)

Esta é apenas mais uma fase, e como tal tende a dar lugar a outras. Se a criança fizer isto na sua frente ou na de outras pessoas e você ache inadequado, diga que entende ser gostoso, mas que aquele não é o local certo, ensinando-lhe a noção de privacidade. É preciso ficar atento se a criança se masturba em público ou excessivamente. Ela pode estar se utilizando deste recurso para chamar a atenção dos pais para algum problema, que pode não ter nenhuma conotação sexual.

Os contatos de uma mãe com seu filho despertam nele as primeiras vivências do prazer. Essas primeiras experiências sensuais de vida e prazer não são essencialmente biológicas, mas construirão o acervo psíquico do indivíduo, serão o embrião da vida mental no bebê. A sexualidade infantil se desenvolve desde os primeiros dias de vida e segue se manifestando de

forma diferente em cada momento da infância. A vivência saudável é fundamental na medida em que é um dos aspectos essenciais de desenvolvimento de outro global dos seres humanos.(PCN, 2001, p. 117).

O bebê está inteiramente ligado à mãe, com isso o primeiro contato físico da criança se dá nos momentos de amamentação, banho e o no colo, estes são os primeiros estímulos de prazer que a criança possui, um prazer de saciedade quando se tem fome, de frescor quando se realiza a limpeza da criança e de proteção no embalo do colo.

A grande parte dos problemas ligados à sexualidade origina-se na falta de informação e a maneira em que os pais reagem com ignorância sobre este assunto, a importância da família é sempre distinta, dada a totalidade emocional e afetiva.

É freqüente mostrar os seus órgãos sexuais, e dessa forma também compara-los com os das demais crianças para melhor se reconhecer nesse confronto com o outro.

Para os pais, o fato de uma criança explorar o seu corpo na procura de conhecê-lo e de sentir prazer, é uma atividade que frequentemente causa apreensão. Porém, estes comportamentos são naturais, fazem parte do desenvolvimento, e é com essa mesma naturalidade que deverão ser encarados.

Cabe aos adultos dar à criança a oportunidade de realizar com tranquilidade a descoberta de seus órgãos genitais. Desta forma, estaremos a contribuir para que a criança possua uma imagem corporal mais íntegra e satisfatória.

O alvo sexual da pulsão infantil consiste em provocar a satisfação mediante a estimulação apropriada da zona erógena que de algum modo foi escolhida. Essa satisfação deve ter sido vivenciada antes para que reste daí uma necessidade de repeti-la, e é lícito esperarmos que a natureza tenha tomado medidas seguras para que essa vivência não fique entregue ao acaso. Já tomamos conhecimento do que é que promove a satisfação dessa finalidade no caso da zona labial: é a ligação simultânea dessa parte do corpo com a alimentação. (JOLIBERT,2010, p. 92).

A descoberta da sexualidade nas crianças da educação infantil vem aumentando cada vez mais, fazendo com que os pais e educadores reflitam sobre o tema, e, por isso mesmo, é um assunto que está fazendo parte do cotidiano das escolas.

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. (PCN, 2001, p.117).

O ser humano no decorrer do seu crescimento passa por fases de desenvolvimento, em suma, cada fase compreende um modo de buscar prazer, independentemente da potencialidade reprodutiva.



Figura 2: Crianças fazendo observação do corpo do colega.

Fonte: www.googleimagens/sexualidadeinfantil.

Crianças de três anos se escondem para se beijarem na boca e se acariciarem, situação esta causa certo constrangimento, questiona-se se os educadores da educação infantil, que atuam com crianças desta faixa etária estão realmente preparados para intervir efetivamente diante de situações em que seus alunos apresentem algum comportamento que manifeste a sexualidade. Estas são situações rotineiras no desenvolvimento infantil, porém, é um assunto ainda

complexo nas escolas, mas que faz parte do cotidiano da sala de aula e precisa ser encarado pelos educadores, uma vez que, a realidade que vivemos exige isso.

De acordo com a LDB, a escola tem obrigação em preparar os profissionais da educação para que consigam resolver situações que envolva a sexualidade.

Segundo Guimarães (1995),

Os educadores reconheceram que a educação sexual deve ser um processo contínuo ao longo da vida, e que a criança deve começar a recebê-la na escola o quanto antes [...] (Eles percebem como objetivo da educação sexual, “aumentar informações”, “ajudar a desconstruir...” “quebrar tabus”, lidar melhor com a sexualidade na experiência própria e com os outros.

Muitos educadores têm dificuldades em lidar com a sexualidade das crianças. As crianças dessas idades reproduzem tudo o que elas vêem ou ouvem seja bom ou ruim.

A curiosidade que as crianças têm também em descobrir seu próprio corpo tocando suas genitálias faz com que elas, ao perceberem as sensações de prazer provocadas pelo toque, se estimulem a se tocarem mais freqüentemente.

A criança também sofre influências de muitas outras fontes: de livros, da escola, de pessoas que não pertencem à sua família e, principalmente, nos dias de hoje, da mídia. Essas fontes atuam de maneira decisiva na formação sexual de crianças, jovens e adultos. A TV veicula propaganda, filmes e novelas intensamente erotizados. Isso gera excitação e um incremento na ansiedade relacionada às curiosidades e fantasias sexuais da criança.(PCN, 2001, p.112).

A mídia por meio da televisão com filmes e novelas mostrando cenas de sexo, onde está a dificuldade em controlar que as crianças assistam.

Contudo as novas tecnologias acabam facilitando no mau desenvolvimento que a criança possa ter na sociedade.

No meio em vivemos nota-se que a falta de afeto e acompanhamento na educação dos alunos aumentam cada vez mais, devido ao intermédio das novas tecnologias que acabam deixando os valores de lado.

Como vem sendo tratada pelos pais e educadores a descoberta precoce da sexualidade entre as crianças da educação infantil?

A própria relação sexual e a troca de carícias entre os pais que às vezes por descuido as crianças podem presenciar. Esses podem ser alguns dos motivos dessa precocidade.

2.2 A necessidade do trabalho sobre a sexualidade na educação infantil

Na nossa sociedade existe uma variedade de Instâncias – igreja, família, escola – que tratam da sexualidade, que nos fazem pensar sobre ela a fim de escutar, registrar e redistribuir o que dela se diz.

Segundo Foucault, no final do século XVII o sexo foi colocado em discussão. Em vez de uma restrição, o que se viu foi um mecanismo crescente de incitação, processo que se intensificou no século XIX como nascimento das ciências humanas. Para o autor, houve uma explosão “em torno do sexo” (1997, p.21).

O ponto essencial sobre o discurso da sexualidade, segundo o autor, está “em levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz” (1997, p. 16).

Embora muitos afirmem que a escola não fala sobre a sexualidade das crianças e dos adolescentes. De acordo com Camargo e Ribeiro (1999, p. 50), “conhecer a sexualidade não significa aprender a estrutura dos genitais. Educação sexual centrada na genitália advém de uma educação que disciplina, organiza e concentra o prazer nos genitais; assim procedendo, anestesia o resto do corpo”.

Segundo ao PCN (2001) a sexualidade não está relacionada, somente com potencialidade reprodutiva, mas também com toda e qualquer atividade que proporciona prazer a criança/adulto.



Figura 3: Orientação sexual na escola.

Fonte: www.googleimagen/orientacaosexual.

Cabe as escolas abordarem os diversos pontos de vista, o educador a partir do momento em que escolhe a profissão deve estar preparado ciente das responsabilidades e deveres que tem com seus alunos, trabalhar temas que possam auxiliar no seu desenvolvimento humano é uma característica primordial para aguçar o desenvolvimento cognitivo e social do aluno.

Segundo Jane Felipe (2001), "...a experiência da educação infantil precisa ser muito mais qualificada. Ela deve incluir o acolhimento, a segurança, o lugar para a emoção, para o gosto, para o desenvolvimento da sensibilidade; não pode deixar de lado o desenvolvimento das habilidades sociais, nem o domínio do espaço e do corpo e das modalidades expressivas; deve privilegiar o lugar para a curiosidade e o desafio e a oportunidade para a investigação".

Para Strauch (2003),

Acreditamos que o fato de um educador se mostrar interessado por esse trabalho indica que ele esteja aberto a mudanças no processo de ensino-aprendizagem, porque sem dúvida uma proposta como essa exige um longo processo de formação, muita leitura e uma dedicação além do normal. Um profissional acomodado ou sem desejo de conhecimento jamais procuraria se envolver com uma idéia como essa, pelo simples fato de estar fora do seu componente curricular de atuação e, portanto, fora da sua obrigação.

O educador não deve estar fechado apenas aos estudos que obteve em sua graduação, deve procurar se interar das mudanças que vem ocorrendo no desenvolvimento das crianças porque não adianta tentar esconder deles a verdade, pois eles poderão aprender mais tarde por outros meios ou por pessoas inconfiáveis então o professor deve estar preparado para essas respostas.

Ainda hoje é comum encontrar pessoas que acreditam que questões como a sexualidade sejam assuntos exclusivamente familiares e que a escola já tem demasiadas preocupações para tomar para si mais esse “problema”. Na verdade, uma instituição preocupada com o chamado “desenvolvimento integral” de seus alunos poderá encontrar no trabalho de orientação sexual uma possibilidade de mudança na qualidade do processo de ensino-aprendizagem como um todo. (MACEDO, 2003, p.62).

Alguns educadores falam que esse assunto deve ser tratado somente pelos pais fugindo assim da responsabilidade no auxílio da educação das crianças, onde muitas vezes elas ficam sob sua responsabilidade no maior tempo do dia.

Segundo Egypto a escola não pode fugir da responsabilidade em ensinar sobre a sexualidade,

A escola é um lugar onde se está discutindo conhecimento, onde está produzindo diálogo e reflexão. É, portanto, um espaço privilegiado para discutir a sexualidade com crianças e adolescentes. Na medida e que a escola se nega ou não consegue se capacitar para poder dar conta dessa responsabilidade, ela reforça a idéia de que a sexualidade não faz parte do conhecimento humano. (EGYPTO, 2003, p.16)

É de suma importância que os educadores estejam preparados para atuarem em situações que ocorrem dentro dos centros de educação infantil envolvendo crianças que estejam sob sua responsabilidade e pra isso é necessário que recebam orientação especializada.

Para Claudia Aratangy (2013), a escola, como instituição responsável por formar cidadãos íntegros, deve ajudar os alunos, inclusive as crianças de pouca idade, a viver sua sexualidade de maneira responsável e saudável, acolhendo suas dúvidas e interesses. O primeiro passo para isso é ensinar o respeito ao próprio corpo e ao corpo do outro, promovendo o respeito à diversidade.

É fundamental que a escola possa ajudar na formação da identidade e possibilitar um desenvolvimento mais harmonioso, porque todo mundo sabe que a sexualidade é fator essencial na questão da identidade: o “ser menino” ou o “ser menina”, o que é ser homem ou ser mulher, os

comportamentos e ações de cada gênero. Essas são as primeiras questões que aparecem para as crianças na escola e têm a ver com essa identidade básica, com a formação de sua personalidade. É importante trabalhar com um conceito amplo de relações de gênero, que mostre que há infinitas formas de ser homem e de ser mulher. E de expressar isso. (EGYPTO, 2003, p.19)

2.3 Família e educação sexual

A família é a principal influência na formação das crianças com isso deve se preparar para lidar com certas situações que podem constranger nisso ocultam o problema e até mesmo se manifestam de forma ríspida com essas crianças.



Figura 4: Como falar sobre sexualidade com os filhos?
Fonte: www.googleimagens/familiaeeducacaosexual.

Por tanto, a importância da família como agente na construção do comportamento da criança, pois é onde se inicia a cultura do azul e do rosa determinando atitudes e papéis sociais que diferenciam meninos e meninas, homens e mulheres.

O fato de a família ter valores conservadores, liberais ou progressistas, professar alguma crença religiosa ou não e a forma como o faz determina em grande parte a educação das crianças. Pode-se afirmar que é no espaço privado, portanto, que a criança recebe com maior intensidade as

noções a partir das quais construirá sua sexualidade na infância.(PCN, 2001, p. 112).

As crianças até certa idade se espelham nas atitudes que os pais têm dentro de casa, imita o cotidiano que acontecem em seu lar então se deve tomar cuidado com o que se faz para que eles não representem com seus coleguinhas na escola.

[...] a maioria das crianças pequenas em suas brincadeiras sentem-se livres para desempenhar tanto papéis masculinos como femininos de acordo com a ocasião, sem referência à sua constituição biológica e sem o embaraço que sentiria uma criança em idade escolar (STONE E CHURCH, 1972, p. 155).

Nas brincadeiras de “papai e mamãe”, que é uma brincadeira comum representando seu convívio familiar onde às vezes acontecem as mudanças de papéis onde o menino é a mamãe e a menina é o papai são normais em certo período da infância não levando em consideração o seu real sexo devido a ingenuidade pode acarretar grande desconforto nas escolas fazendo com que os educadores tenham que intervir em algumas situações para evitar o constrangimento entre os pais.

Há até bem pouco tempo, dizia-se às crianças que elas teriam sido tragas pela cegonha, hoje sabemos que não há como de mentir para as crianças, mesmo porque elas são muito mais espertas. Não pode ser considerado feio falar de algo que é natural.

O propósito, então, é a coragem de imaginar e buscar metas valorizadas não inibidas pela derrota das fantasias infantis, pela culpa e pelo medo cortante da punição.(Erikson apud Calvin S. Hall; Lindzey Gardner, John B. Campbell, 2000).

As respostas devem ser simples e claras, não havendo necessidade de responder além do que lhe for perguntado. Dar respostas insuficientes faz com que a criança pergunte mais e mais ou, ainda, que vá procurar as respostas em outras fontes não confiáveis.

O interesse pelo nascimento dos bebês constitui a matriz das curiosidades pessoais e sexuais, e ele é despertado muito cedo, mesmo nas famílias onde o sexo é uma questão tabu. Em geral, é entre os 2 e os 4 anos de idade que a criança faz as suas primeiras perguntas: quer saber onde se encontrava antes de nascer. Depois de obter uma resposta satisfatória a esta pergunta, quer saber por onde saiu do ventre da mãe e na etapa

seguinte quer saber qual o papel da relação entre o pai e a mãe na sua concepção. (WEREBE, 1998, p. 64).

Um argumento apresentado para não falar da sexualidade na escola refere-se ao entendimento de que cabe à família “dar” uma educação sexual para as crianças. Tal procedimento não é novo, uma vez que, segundo Foucault (1999), desde a metade do século XVIII é pela família, segmento privilegiado da população, que os mecanismos de governo devem passar, quando se quiser obter alguma coisa da população quanto a comportamentos sexuais, é pela família que se deverá passar” (p.289).

Ao chegar, portanto, na escola à Educação Infantil, a criança já traz a socialização elementar e doméstica e muito de seu comportamento frente à sexualidade, já se ressentindo do condicionamento, da forma e atitude dos pais frente à questão. A ausência de uma fala natural sobre a sexualidade tanto dos pais como dos professores, vai gerar na criança a “ansiedade” de saber que a fará buscar em outras fontes, nem sempre as mais recomendáveis.

Há ainda a freqüente dúvida sobre quem deve falar com a criança. O ideal será sempre que o casal possa fazer isto junto, pois oferecerão visões diferentes e enriquecedoras, mas dependerá da identificação que a criança tiver com os pais ou com um deles em especial naquela fase da vida, ou, ainda, do temperamento de cada um. Pode ser mais fácil para um dos dois tocar neste assunto, evitando o “jogo do empurra”. Ajudará muito o casal discutir claramente entre si antes de conversar com a criança.

2.4 Tabus e preconceitos que permeiam as questões sobre sexualidade

Na contemporaneidade, ainda permeia-se preconceito e tabus, mediante ao tema sexualidade, tanto no contexto escolar como no familiar, tais como fatores como cultura e religião, impedem ainda mais a elucidação do tema. Deve ser trabalhada de maneira clara e objetiva, sempre respeitado a faixa etária da criança.

2.5 A falta de preparação dos educadores frente a sexualidade da criança influencia?

Sabendo-se que a sexualidade humana é um dos temas mais difíceis e mais recusados no universo prático do educador. Ao longo de muito tempo a sexualidade foi ignorada pelas escolas, os educadores agiam como se seus alunos fossem assexuados, mesmo quando chegavam à puberdade. Assuntos acerca da sexualidade eram evitados para não despertar a curiosidade dos educandos, reproduzindo assim os tabus e os rígidos valores sociais.

A educação sexual se deparou com diversos obstáculos oriundos de diferentes seguimentos para sua implantação nas escolas brasileiras. Frente à intensificação das demandas sociais, as escolas não conseguiram mais evitar a abertura de espaços em seu âmbito para discussões sobre o tema. Tais espaços foram pleiteados pelos próprios pais, que não se sentiam seguros para tratar de assuntos relativos ao sexo com seus filhos. Diante disto, foi delegada a escola tal responsabilidade sem que a mesma estivesse preparada para dar conta desse papel.

Os professores encarregados de educação sexual na escola devem ter autenticidade, empatia e respeito. Se o lar está falhando neste campo, cabe a escola preencher lacunas de informações, erradicar preconceitos e possibilitar as discussões das emoções e valores (TELES, 1992, p.47).

Os educadores na forma de investigação deve observar a conduta das crianças dentro da escola onde podem ser percebidas questões graves decorrentes da sexualidade da criança, dessa forma cabe a boa preparação do educador em lidar com esse assunto que é de grande importância.

Não podemos fechar os olhos diante dessa problemática, muitas vezes temos que eliminar certos preconceitos para poder ajudar as crianças no seu desenvolvimento.

Para um bom trabalho de Orientação Sexual, é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre aluno e professor. Para isso, o professor deve se mostrar disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, não emitir juízo de valor sobre as colocações feitas pelos alunos e responder às perguntas de forma direta e esclarecedora. (PCN, 2001, p.124)

A educadora Maria Helena Vilela (2013)² diz que: caso a criança comece a acariciar os genitais em sala de aula, por exemplo, o professor deve fazer com que ela compreenda a inadequação desse gesto em relação às normas do convívio escolar, sem condená-la ou aprová-la. É fundamental ouvir a criança e responder suas perguntas de maneira clara, sem excesso de informações, para não confundí-las.

O trabalho desenvolvido pelo professor deve estar pautado em um planejamento sistemático e transformador, visando à promoção do bem estar sexual a partir de valores baseados nos direitos humanos e relacionamentos de igualdade e respeito entre as pessoas. A educação sexual desenvolvida no contexto escolar deve ter como objetivo empregar professores com um preparo adequado para desempenhar de forma significativa o seu papel, auxiliando os alunos no esclarecimento de suas dúvidas, ansiedades, dificuldades e angústias.



Figura 5: Professor trabalhando a educação sexual.

Fonte: www.googleimagens/orientacaosexual

² Artigo revista “Presença pedagógica – Ed. Dimensão - Jul./Ago. 2013.

É imprescindível a capacitação e a conscientização do professor sobre o tema, pois o educando ao chegar ao ambiente escolar traz consigo características e influências de contextos maiores, diante disso, a aprendizagem do indivíduo só pode ser entendida dentro de situações nas quais está inserida, em contextos como a família e a escola, que por sua vez fazem parte de contextos macros: culturais e sociais.

Para auxiliar neste processo, os PCN's abordam a orientação sexual em seus temas transversais trazendo propostas para os trabalhos referentes a este assunto no contexto escolar.

Os trabalhos de orientação sexual desenvolvidos nas escolas colaboram com o exercício de uma sexualidade mais saudável. Além disso, garantem o acompanhamento de dados fundamentais, a busca de novas estratégias, novas dinâmicas e desafios que realmente façam parte do universo de nossos alunos. (SALGADO, 2003, p.85).

Devemos dessa forma procurar meios para trabalhar a educação sexual nas escolas de maneira lúdica onde as crianças poderão aprender com mais facilidade do que ser colocado apenas como teoria para não se tornar um assunto maçante e sem interesse.

3 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa básica bibliográfica, constituído de livros, artigos de periódicos, internet, que consistiu na seleção, fichamento e arquivamento de informações a fim de desenvolver o tema proposto.

Em relação à natureza, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, pois, a mesma permite trabalhar com os sentimentos e falas dos envolvidos no estudo, pois, de acordo com Terence (*et al*, 2006) “a pesquisa qualitativa é utilizada para interpretar fenômenos, que ocorrem por meio da interação constante entre a observação e a formulação conceitual, que se resume em pesquisas baseadas em experiência e ao desenvolvimento teórico, dessa forma a pesquisa qualitativa pode nos apresentar em procedimentos com percepção de explicar o que já pretendemos descobrir e interpretar dados encontrados no decorrer da pesquisa”.

Em seguida foi feita uma pesquisas de campo, que oferece maior contato com o público-alvo e aproximação com o fenômeno social e educacional estudado. Este tipo de pesquisa segundo Rodrigues, (2007, p. 04), “é a observação dos fatos tal como ocorrem. Não permite isolar e controlar as variáveis, mas perceber e estudar as relações estabelecidas”.

Segundo Marconi e Lakatos (2006), metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc.

A pesquisa desenvolvida foi realizada no Centro de Educação Infantil Vasco Papa da rede municipal de Juína-MT, localizada na Avenida Dom Pedro I s/nº Bairro Palmeira foi criado em 1999 pelo decreto Municipal 3031/2000. O funcionamento efetivo do CEI foi autorizado se deu a partir de 30/01/00. Atualmente atende em torno de 170 crianças na faixa etária de 01 ano à 6 anos de idade que freqüentam do berçário II ao pré II.

O Centro de Educação Infantil Vasco Papa conta com um quadro de 35 funcionários sendo 13 auxiliares de sala, 03 na gestão (01 diretora, 01 coordenadora e 01 secretário), 03 técnicos em alimentação, 04 técnicos em infra-estrutura e 12

professores sob a direção em 2014 da professora Leila de Oliveira Siara, e coordenadora pedagógica professora Marinês Terezinha de Souza.



Figura 06: CEI Vasco Papa

Fonte: ANDRADE. Tatiana Gonzalez (2014)

O CEI possui 08 salas de aulas que atende do berçário II ao pré II, tanto no período matutino quanto no vespertino. Conta também com um refeitório que se encontra o centro do CEI, um parque de recreação para as crianças na área externa com um espaço para um pula-pula recém adquirido pelo centro, três banheiros sendo dois para uso coletivo das crianças e demais funcionários e um dentro da diretoria, uma cozinha, uma dispensa e uma lavanderia.

Conforme Gil (1987), o método de questionários é constituído em uma das mais importantes técnicas disponíveis para a obtenção de dados.

Essa coleta de dados utilizou-se um questionário com 07 (sete) questões direcionadas há dez educadores em uma instituição de ensino sendo que apenas quatro deles fizeram à devoluta dos questionários devidamente respondidos podendo estar relacionado aos tabus que ainda permeiam esse tema.

3.1 Análise e discussão dos resultados

Após a coleta de dados será executada a apresentação e análise qualitativa dos resultados obtidos da pesquisa a campo, mostrando o pensamento dos professores quanto o desenvolvimento da sexualidade da criança na educação infantil, com a organização dos dados para a produção das considerações finais.

4 ANÁLISES DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

A pesquisa de campo foi por meio de questionário aplicado com os educadores do Centro de Educação Infantil Vasco Papa que são todos com formação superior em Pedagogia.

Na estruturação dos dados coletados apresentamos os aspectos mais importantes de cada resposta, destacando-as em itálico e entre aspas para estabelecer uma diferença entre o discurso das professoras e citações bibliográficas e dos comentários e análises que fizemos.

Na primeira questão procurou-se saber dos educadores qual o significado de sexualidade pra eles.

Segundo depoimento da coordenadora: *“A sexualidade faz parte do ser humano através do olhares, desejos sexuais, beijos, abraços e carícias”*. O desejo pelo outro é natural faz parte do desenvolvimento do ser humano desde o nascimento, com o aconchego da mãe na hora do amamentar, nas trocas de fraldas e assim até o passar os anos. De acordo com a professora A (pré I): *“Sexualidade são maneiras e formas de expressar seus desejos e prazer”*. A professora A descreve a sexualidade da mesma forma que a coordenadora, como parte do desenvolvimento da criança.

Na segunda questão de como se percebe a sexualidade infantil temos as seguintes respostas:

Coordenadora: *“...é percebida quando as crianças percebem através das diferenças entre os órgão genitais (homem e mulher)...”*. A curiosidade que as crianças tem com a diferença entre um e outro fazem com que eles queiram descobrir o motivo dessa diferença aguçando essa manifestação. A professora (pré II): *“O prazer manifesto pela criança nos primeiros movimentos exploratórios que fazem em seu próprio corpo”*. Dessa forma acredita-se que essa percepção inicia com os toques que as crianças fazem no seu próprio corpo, acariciando seus órgãos sem nenhuma malícia, mas com sensação de prazer.



Figura 07: Crianças do CEI em interação.

Fonte: ANDRADE. Tatiana Gonzalez (2014)

Essa fala da professora está de acordo com aquilo que Freud (apud Jolibert 2010) que: “O alvo sexual da pulsão infantil consiste em provocar a satisfação mediante a estimulação apropriada da zona erógena que de algum modo foi escolhida”.

A terceira pergunta fala sobre a educação sexual nas instituições de Educação Infantil.

A professora (pré II) relata que: *“É sempre um desafio, que enfatiza a transformação prática educativa, apontando para os educadores como responsáveis pela mudança de conhecimentos e de valores, ensinarem para as crianças como as identidades e saberes podem ser representados.”*

A professora (maternal I) fala que: *“Vejo como uma necessidade, pois a cada dia as crianças estão tendo um desenvolvimento maior e a sexualidade está aflorando, havendo a necessidade de um trabalho de orientação sexual.”*

Para a professora (berçário II): *“Para mim a educação sexual é algo que tem que acontecer naturalmente conforme a necessidade da turma.”*

Como vimos à educação sexual nas instituições de ensino também é uma grande preocupação que aflige esses educadores, pois eles sentem a necessidade em trabalhar, mas não estão preparados para lidar com esse tema por ser um assunto de grande complexidade.

Na quarta pergunta pede para que os professores respondam se desenvolvem algum trabalho de educação sexual com as crianças se sim qual?

A professora (berçário II) diz que: *“No meu ponto de vista na educação infantil não é necessário forçar o assunto, mas no decorrer quando o professor perceber o interesse dos alunos pelos alunos.”*

A resposta da professora (maternal I) é da seguinte forma: *“Não, poucas vezes trabalhei esse assunto. Na maioria das vezes só intervia quando havia a necessidade, sinto não estar preparada para realizar trabalhos voltados para esse assunto.”*

Com isso podemos notar que pouco se é trabalhado nas escolas a educação sexual, e há aqueles que não sentem a necessidade do trabalho de orientação sexual na educação infantil.

A quinta pergunta é de grande importância, se já se presenciou alguma manifestação sexual nas crianças e qual foi.

A professora (pré I) relata que: *“Sim, algumas vezes, momentos em que as crianças se tocam, beijam, acariciam-se, observam as partes íntimas uns dos outros.”* Em relação a essa questão todos os educadores responderam da mesma forma sendo comum essas manifestações entre as crianças.

A sexta questão quer saber da reação que os educadores tiveram ao se depararem com essa situação.

A coordenadora diz que: *“Uma roda de conversa explicando as diferenças entre os sexos e que não podem se tocar, pois são crianças.”*

A professora (pré II) reagiu da seguinte maneira: *“Conversei com eles e disse que poderiam beijar no rosto, a boca foi feita para comer, mudando o assunto.”*

As duas respostas fazem com que reflitamos a respeito desses conceitos, a coordenadora e a professora (pré II) até que no início fizeram de maneira correta, mas na hora em que falam que não podem se tocar porque são crianças acabou às

vezes colocando mais um ponto de interrogação na cabeça das crianças pois, eles podem querer saber o porque disso, o porque que só os adultos podem.

A sétima e última questão pergunta se tem alguma dificuldade de trabalhar a sexualidade com as crianças.

A coordenadora fala de uma coisa e muita importância: *“A maior dificuldade ainda encontrada são os pais, com as crianças trabalha-se naturalmente.”* A professora (pré II) aponta a seguinte coisa: *“Cabe ao educador passar para a criança de modo que não haja repressão, mostrando-lhes limites, não tratar as manifestações sexuais como indisciplina, malícia e reprimirem de maneira errônea e até intensificando mais as manifestações.”*

De acordo com essas respostas podemos identificar a grande dificuldade em trabalhar a sexualidade com as crianças principalmente com relação aos pais devido a sua “ignorância” em lidar com o assunto.

5 CONCLUSÃO

O tema da sexualidade infantil está na "ordem do dia" da escola. Presente em diversos espaços escolares ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola; é tema de capítulos de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas. Recentemente ela, a sexualidade, foi constituída, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, em tema transversal.

Educação sexual é um processo de vida inteira: teremos tempo de melhorar o que não conseguirmos explicar da forma como gostaríamos. Não é fácil para pais/professores que não foram educados desta forma em sua infância, mas o importante é tentar melhorar a educação que possam oferecer a seus alunos. É bom saber que, assumindo ou não a tarefa de orientá-los, conversando ou não, estaremos dando educação sexual. Dependendo da atitude dos pais/professores, as crianças aprendem se sexo é bonito ou feio, certo ou errado, conversável ou não, enfim os tabus que envolvem a educação sexual em si é um meio e não um fim, fazendo-se clara a necessidade de reflexão sobre alguns conceitos para que o processo tenha êxito, desde que sejam respeitadas as singularidades, individuais de cada faixa etária.

Para isso, é imprescindível que haja cursos de formação, tanto para os educadores quanto para os pais. Outro ponto a ser considerado seria a realidade em que a criança vive que está diretamente ligado ao seu comportamento e a manifestação da sexualidade. Percebe-se que crianças que convivem diretamente com violência, drogas, sexo e até mesmo com abusos manifestam a sexualidade com maior intensidade.

Contudo, esta pesquisa pôde servir de base para o estudo do desenvolvimento sexual de crianças de 0 à 5 anos, e possibilitar uma reflexão sobre a importância da postura dos educadores diante das crianças e da dificuldade de se falar sobre este tema.

Devido a isso a coleta de dados foi trabalhosa principalmente com a demora em que os educadores responderam e entregaram os questionários aplicados na

instituição com a distribuição de dez questionários e devolução de apenas quatro questionários.

Algumas educadoras procuram agir de maneira adequada quando aparecem manifestações dentro de sala de aula esclarecendo para as crianças qual o significado da sexualidade, porém algumas não agem assim.

Pode-se concluir que a sexualidade infantil é um tema que tem muito campo a ser pesquisado e trabalhado dentro das escolas, em principalmente nas séries iniciais.

As crianças sempre estão curiosas e prontas para as novidades em busca de respostas para suas perguntas; para eles o que importa é sanar suas dúvidas.

Não há como tornar alguém pronto para a educação sexual. O estudo, a reflexão, a análise da prática pedagógica, são processos permanentes e distintos. Com o tempo alcança-se a excelência e a competência no trabalho. Onde o importante é começar.

Neste sentido, esta pesquisa traz uma contribuição teórica aos educadores e uma base para se repensar a formação e a prática educativa quando relacionada a sexualidade infantil.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Fátima. **As dificuldades do processo**. In: EGYPTO, Antonio Carlos, (org.). **Orientação Sexual na Escola – Um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.

BARROSO, C. & BRUSCHINI, C. **Educação Sexual**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BATISTA, Cleide V. M. **Entre fraldas, mamadeiras, risos e choros: por um prática educativa com bebês**. Londrina, Maxiprint, 2009.

BÖCK, Vivien Rose. **Psicologia Aplicada na Escola**. Rio de Janeiro: Kinder, 1998.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi.

Psicologias, uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. Lei Federal nº 9394, 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1996.

BRASILEIRO, Emídio; BRASILEIRO, Marislei. **Educação sexual**. Goiânia: R&F Editora, 2001.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. RIBEIRO, Claudia. **Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: moderna, 1999.

COLIN, Claude. **Como falar de sexo com as crianças**. São Paulo: Honor, 1973.

EGYPTO, Antonio Carlos, (org.). **Orientação Sexual na Escola – Um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.

ESTEVES, Acursio. **Mídia e sexualidade na educação infantil II**. 2000. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br>>. Acesso em 22 de jun. 2014.

FELIPE, Jane. Org. CRAIDY, Carmem Maria e SILVA, Gladis E.P. **Educação Infantil Para Que Te Quero**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Londrina: Eduel, 2006.

_____. **Educação Sexual: retomando uma proposta e um desafio**. 2ª Ed., Londrina: Eduel, 2001.

_____. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Londrina: Eduel, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2 – O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

GARCIA-ROZA, L.A. **Freud e o inconsciente**. São Paulo: Jorge Zahar, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, Editora Atlas, 1987.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado da Letras, 1995.

JOLIBERT, Brenard. **Sigmund Freud - Coleção Educadores**. Recife: Editora Massangana, 2010.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5ª Ed., São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Manolita Correia. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica**. 2ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

MACEDO, Maria Cecília Carlini. **A metodologia da orientação sexual**. In: EGYPTO, Antonio Carlos, (org.). **Orientação Sexual na Escola – Um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.

MACEDO, Lulie. **Quando a sexualidade engatinha**. 2003. Disponível em <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/sexualidadeinfantil1.html>>. Acesso em: 22/06/2014.

MANGOLD, Maritânia; et. al. **Sexualidade na Infância**. 2008. Disponível em: <http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/educaçãInfantil/sexualidade_infantil.pdf>. Acesso em: 22 de jun. 2014.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 4ª Ed. Revista e ampliada. São Paulo. Atlas. 2006.

NUNES, César, SILVA Edna. **A Educação sexual da Criança: Subsídios Teóricos e Propostas Práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. São Paulo: Autores Associados, 1997.

_____. **Desenvolvendo a sexualidade**. Campinas: Papirus, 1997.

PAREDES, Eugênia C.; OLIVEIRA, Rita A. de; COUTINHO, Marta Maria Telles. **Sexualidade: o que têm a dizer alunos e professores da rede pública de ensino cuiabana**. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2006.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. et.al. **Sexualidade em sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental**. Disponível em: <<http://www.scielo.br>. Acesso feito em 06/Nov./2013.

ROCHE, Fernanda. **Sexualidade Infantil**. 2008. Disponível em: <<http://PT.shvoong.com/humanities/1784260-sexualidade-infantil/>>. Acesso em: 06 de Nov. 2013.

SALGADO, Cláudia R. Serapicos. **Passando a limpo um rascunho interminável**. In: EGYPTO, Antônio Carlos (org.). **Orientação sexual – Um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.

STRAUCH, Margareth Lex. **Orientação Sexual na Escola Católica**. In: EGYPTO, Antonio Carlos, (org.). **Orientação Sexual na Escola – Um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

STONE, L. Joseph. CHURCH, Joseph. **Infância e Adolescência – Uma psicologia da pessoa em crescimento**. 2ª Ed. Minas Gerais: Vozes, 1972.

SUPLICY, Marta. **Papai, mamãe e eu: o desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos**. São Paulo: FTD, 1999.

TELES, Maria Luíza Silveira. **Educação, a revolução necessária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

TERENCE. Ana Cláudia Fernandes, FILHO. Edmundo Escrivão. **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais**. USP/EESC. 2006. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2006_tr540368_8017.pdf> acesso em: 26 de Nov. 2013

WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

APÊNDICE



AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ACADÊMICA: TATIANA GONZALEZ ANDRADE

QUESTIONÁRIO PARA OS EDUCADORES

1) Qual o significado de sexualidade para você?

R: _____

2) Como você percebe a sexualidade infantil?

R: _____

3) O que você acha da educação sexual nas instituições de Educação Infantil?

R: _____

4) Você desenvolve algum trabalho de educação sexual com as crianças? Qual?

R: _____

5) Você já presenciou alguma manifestação sexual nas crianças? Qual?

R: _____

6) Como você reagiu?

R: _____

7) Você tem alguma dificuldade de trabalhar a sexualidade com as crianças?

R: _____
